**Apresentação do livro infantil “SIMÃO BALALÃO”, de Olinda Beja**

**Sede da UCCLA (Lisboa), 26 de Janeiro de 2019, 15:30h**

Ao ler Olinda Beja, sinto um cruzamento inevitável e perfeito entre seu percurso biográfico e todo o tecido poético ou ficcional de sua autoria. Por essa razão, e porque estamos perante um livro infantil, permitam-me que comece assim:

– Era uma vez duas ilhas e várias ilhotas, no Golfo da Guiné, com clima equatorial, húmido e quente. A seu tempo, as duas ilhas maiores foram baptizadas com os nomes de S. Tomé e Ilha do Príncipe e colocadas, desde 1470, por João de Santarém e Pêro Escobar, no mapa de um império português opaco e sombrio, alimentado por sonhos de poder e de domínio. Tudo começou no tempo de judeus, artífices, alguns fidalgos, degredados e escravos negros importados de África, estes, sobretudo, para o trabalho duro nas roças, para o cultivo da cana-de-açúcar, do cacau e do café, o que fez destas ilhas, em certa altura da colonização, o maior produtor mundial de açúcar e de cacau.

Certo dia, em 1946, Guadalupe, na ilha-mãe de S. Tomé, testemunhou o nascimento de uma menina com pele cor de canela, fruto da miscigenação entre o sangue europeu do pai e o sangue africano da mãe. Seus olhos postos no deslumbramento pelo mar respiravam a prata das luas e o ouro do sol. O cabelo ondeado lembrava as voltas e reviravoltas de lianas da floresta onde, no topo de árvores frondosas, o ossobó canta melodias de chuva chegando, para bênção da terra, das gentes e dos bichos. Seu coraçãozinho de ave do paraíso batia ao ritmo de ventos e de marés. Seus pequeninos dedos de fada teciam já um manto de prodígios que as mãos em concha haveriam de levar, anos mais tarde, ao trono do encantamento.

E, assim, na ilha, os dias e as noites iam-se alternando sob um manto de estrelas no céu, ao som de rios de águas cantantes na terra. Da savana à floresta, das praias de areia fina aos terrenos de cultivo e de pecuária, erguia-se um mundo mágico, onde sobressaía o verde das folhas e uma variedade imensa de flores de aromas intensos e de todas as cores do arco-íris. Era um mundo maravilhoso, adornado com frutos suculentos, de textura e sabor exóticos, que provocavam o alarido dos animais do ar, da terra e das águas, em sua busca contínua por alimento.

Mas um dia, o avejão impiedoso da separação chegou, sem aviso, ao lugar onde, em noites de lua cheia, a mãe da nossa menina cor de canela costumava aconchegá-la ao peito, contando e cantando-lhe, ao ouvido atento, histórias, lendas, provérbios, lengalengas, cantigas, que davam corpo às tradições milenares de seus antepassados africanos do continente e ilhéus.

O avejão do adeus prendeu a menina, ainda muito pequenina, em suas garras fortes e curvas. Surdo a choro e mágoa inaudita, bateu as asas gigantes, arrancou-a àquele paraíso verde da mãe, nos trópicos, e, sobre as ondas alteradas do oceano indignado, carregou-a para terras frias e distantes da Europa de seu pai. Nesse instante de dor tamanha, a ilha tornou-se, para mãe e filha, o paraíso perdido.

Lá no longe da saudade, a menina, crente de sua orfandade materna, foi crescendo entre silêncios de estranheza e curiosidade infinita sobre seu destino. Observava, com espanto, as outras crianças, os adultos, e não entendia o que fazia ali, num meio em que tudo à sua volta lhe gritava, despudoradamente, a diferença. Mas, à medida que se ia fazendo mulher, surgiam nas trevas da solidão caminhos iluminados pela memória da voz longínqua e tão amada de sua mãe.

Instrumento privilegiado de reflexão e de comunicação, desde cedo, que a palavra escrita tomara assento na vida dessa menina cor de canela, pela leitura dos muitos livros que habitavam a casa de seus avós paternos. Ao mesmo tempo, foi-se resguardando da névoa da distância e da ausência, através das cartas e dos postais com que seu pai construía uma ponte inteiriça entre terras arquipelágicas equatoriais e serras beirãs.

E era essa indestrutível ponte de afectos e de vestígios identitários que convidava, perseverantemente, ao regresso. Certo dia, a menina-de-então-entre-mundos-no-mundo, reencontrar-se-ia, finalmente, já mulher feita, com o paraíso mátrio. No retorno ao país natal, nesse momento esplendoroso de autorreconhecimento, redescobriu, antes de tudo, o brilho eterno do amor incondicional de sua mãe de sangue e a força telúrica primordial da mãe-terra, que se entranha em nós e nunca poderá ou deverá ser substituída, “pagá deve” – a dívida que nunca se paga...– esse cordão umbilical que nenhuma fronteira ou qualquer lonjura farão desaparecer, antes lhe atribuem um significado imprescindível, reanimador.

Pelos atalhos da vida, tanta vez, profundamente áridos e magoados, a menina-mulher cor de canela havia aprendido a valorizar e cimentara, gradualmente, na mente e na alma, a riqueza inestimável de sua mestiçagem genética e cultural que abre portas, de par em par, à agregação de mundos, ao entendimento da igualdade na diferença, alargando horizontes de partidas e de chegadas ao reino da poesia, de que viria a tornar-se autora iluminada, já que “*a poesia é a única prova concreta de existência do homem*”, segundo o imortal Gabriel Garcia Marquez.

No que toca a rememoração da infância, Cecília Meireles escreveu que “*tudo é mistério nesse reino que o homem começa a desconhecer desde que o começa a abandonar*”. Mas, “*nesse reino*”, nada é mistério para Olinda Beja, a menina-mulher escritora de que vimos falando. Ela nunca abandonou os traços da primeira meninice, como legado precioso e único para toda a vida. Em seu coraçãozinho de picanço-de-são-tomé, transportara para os frios da Beira Alta, a raiz da experiência telúrica santomense que vem contando e cantando, em verso e em prosa, aos quatro cantos do mundo – a raiz da poesia, do conto e do canto de seus irmãos ilhéus, o chamamento de África, dos antepassados maternos, gravado na sua geografia identitária onde se espelha o canto melodioso do ossobó, o salto matreiro da lagaia, o sabor licoroso dos frutos, os aromas estonteantes das flores, o som do mar e do vento bailando com o ouvido nos búzios das praias e da terra, o flautear da brisa nos palmares, o sortilégio empolgante de cada recanto do obô primevo. Através da palavra escrita, dita, contada, cantada, Olinda Beja persegue seu voo de garça, “com nome”, sobre os telhados do esquecimento, sobre todas as barreiras discriminatórias, sobre a crueldade do desenraizamento.

“*Sou hoje um caçador de achadouros da infância. /Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos*” – escreveu Manoel de Barros.

Ora, seguindo, apaixonadamente, os vestígios da menina desarreigada que foi, olhos vidrados na luz do horizonte entre terra e mar, Olinda Beja retoma a voz da mãe que ensina, aconselha, alerta, avisa, mostra, ama, e vai dando voz às vozes anónimas de seu povo irmão. Nos romances. Na poesia. Nos contos. Nas histórias para crianças, como nesta fábula que hoje se apresenta e que narra as aventuras de Simão Balalão, afinal, um menino que haverá de descobrir também o quão valioso é o elo de vida que o liga ao amor maior – sua mãe de sangue e sua terra.

São, fundamentalmente, estes dois traços temáticos do livro *Simão Balalão*, que nos conduziram à biografia da autora – a importância da voz materna – “*Kônsê mén non só ká zudá non*” “*O conselho da nossa mãe é que nos ajuda*” e da preservação das raízes (pátrias) – *“Téla non sá téla non. Semplé” “Nossa terra é sempre a nossa terra”* – epígrafes nas primeiras páginas do livro.

Cada obra, cada frase, cada parágrafo, de Olinda Beja, seja para adultos ou para crianças e jovens, é um acto, uma declaração de amor incondicional a S. Tomé e Príncipe, a seu povo irmão. De realçar a paixão, a alegria, a vivacidade, a persistência feliz com que narra episódios e descreve ambientes, para dar a conhecer suas entranhas histórico-culturais, o sentimento de pertença que o afastamento forçado e dramático de suas raízes, em tenra idade, haveria de fortalecer. E é esta sua cartografia sentimental da ilha, das “ilhas maravilhosas”, que a escritora oferece, espelhada em cada texto, às crianças e aos adultos de sua terra e do mundo. É o painel vivencial próprio, no encontro genético e cultural entre Europa e África, que serve também de cenário à construção de “Simão Balalão”, mais um texto excelente, em que sobressai uma linguagem viva, colorida, fotográfica, cinematográfica, mesmo, das partes narrativas, descritivas e dos diálogos.

Simão Balalão é o mais novo dos quatro filhos de dona Zizi Muriqui e vivem todos no obô do Esconde Esconde, ou seja, no interior da floresta. Os quatro irmãos são todos diferentes e, afinal, tão “iguais”, porque os une o mesmo sangue, a protecção materna, o contexto familiar e geográfico.

Enquanto a mãe vai trabalhar na roça e nos quintais e fazer vendas no mercado, o menino, apesar de todas as recomendações para esperar em casa, vai experimentando, sozinho, passeios no mato, cada dia mais longos, e enfrenta, como é de supor, perigos diversos. Nestas andanças de descoberta encontra diferentes espécies de animais com quem dialoga sobre o mundo para si desconhecido e aos quais revela seu desejo de exploração do mundo, seu impulso para a largada. Mas nenhum se atreve a auxiliá-lo nessa tarefa, porque lhe falta a autorização da mãe para partir. Até que o gandu, tubarão branco, se mostra todo solícito e satisfaz o desejo de Simão Balalão, transportando-o para longe da praia.... e fazendo-o cair numa armadilha mortal. Mas, lembrando-se de que “*o ratinho que desobedeceu à mãe acabou na boca do gato*”, frase que sua mãe lhe repetia, vezes sem conta, Simão Balalão conseguiu, num último fôlego, ser mais “esperto” do que o tubarão...

Afinal, a voz materna é aquela que cala mais fundo em todos nós.

“(...) *a criança deixa-se invadir pela infância como pelo sono* / *deixa cair a cabeça e voga na infância* (...)”, como se pode ler no poema “Algumas Proposições com Crianças”, de Ruy Belo. Na infância, período de construção do ser humano, a curiosidade irrompe de “*um olhar inaugural sobre o mundo*”, todos os sonhos se soltam em nuvens de algodão que visitam um imaginário sem fronteiras, a não ser aquelas que enraízam num quotidiano pobre e desvalido e espartilham o pensamento.

Num país arquipelágico, numa ilha como S. Tomé, conhece-se bem cedo limites de toda a ordem, mas também se acorda e adormece com os olhos postos no mar – “porta aberta para a viagem”, principalmente, imaginada! E é-se assaltado, constantemente, pelo sonho caminhante, pela curiosidade obstinada, pelo mistério para lá do horizonte, e a tentação de partir invade a alma e fica como um feitiço entranhado nos ossos... ah, mas quem parte começa logo a desenhar o mapa de regresso... “*Nossa terra é sempre nossa terra*!”, lê-se, repetidamente, em Simão Balalão.

Destacando-se também, nesta fábula, o tema da curiosidade infantil, vitamina base do crescimento cognitivo e afectivo, subentende-se a necessidade de respostas em tom e conteúdo que conduzam à consolidação do conhecimento e ao consequente respeito de cada um por si mesmo e pelo Outro. Pelo fio da narrativa, a criança “aprende” não só a obedecer, mas a ouvir, a reflectir, a tirar partido da aprendizagem que vai moldando o carácter, o seu mapa identitário, e a converterá em adulto informado, lúcido, com espírito crítico, elo verdadeiramente humanizante nesta correnteza de mundos, na estrutura política e sociocultural de uma comunidade.

Para que o futuro seja mais harmonicamente e justamente construído, por todos, para todos, e empreendendo sua missão imperativa de pedagoga, Olinda Beja, ao escrever para crianças, dá pistas aos adultos para a difícil tarefa de formar, de educar. Em “Simão Balalão” enfatiza-se o amor mátrio e o respeito pela Natureza, pois só o conhecimento e a defesa do meio-ambiente poderão consolidar o desenvolvimento político, económico, social, cultural, e produzir riqueza para os povos. Elabora-se, no livro, uma rede temática que tem que ver, nomeadamente, com a importância do trabalho, com os valores da interajuda, em família e na vizinhança, com a urgência de se frequentar a escola, com o bom princípio de não se fazer intriga sobre a vida alheia, em suma, com valores básicos, universais, de comportamento individual, social e moral.

No princípio desta história, o narrador começa por apelar ao silêncio. E como é urgente o silêncio para se ouvir, quando há tanto ruído à nossa volta. Num mundo, cada vez mais egocêntrico e assente em realidade virtual de silêncios, Olinda Beja enaltece aqui, como nas outras obras, a via da interculturalidade tão enriquecedora, através dos temas e dos assuntos desenvolvidos, da linguagem, de vocábulos “em língua da terra”, paralelamente ao uso do português, que abrem portas e janelas sobre o Outro, sobre o nosso próximo, sobre outra língua, sobre um mundo que é diverso mas similar, porque parcela da Humanidade a que todos pertencemos.

Este livro é um objecto precioso, pelos ensinamentos que incarna, a nível textual, mas também pelo valor apelativo e motivador das ilustrações. Parabéns a Elsa Ribeiro, pela dinâmica do traço, do tamanho das figuras, da cor, da adequação ao contexto linguístico e cultural da história.

Parabéns, Avelina Ferraz e Editorial Novembro, pela aposta em obras deste valor literário e pedagógico.

Muito grata, querida mana Olinda Beja, por me permitires “viajar” contigo ao reino de nossa infância africana, mais ou menos similar, em desenraizamento e amor eterno à terra. Parabéns, por mais este livro tão belo! Nele, a criança que nos habita, encontrará, certamente, o sentido dessa “pedra filosofal” que a cada um de nós está reservada, do sopé ao topo da montanha existencial... “Eles *não sabem, nem sonham, /que o sonho comanda a vida, /que sempre que um homem sonha/o mundo pula e avança/como bola colorida/entre as mãos de uma criança*.” (in Pedra Filosofal, de António Gedeão).

Regina Correia

Massamá, 26 de Janeiro de 2019